



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SOCIAIS APLICADAS
CAMPUS V – MINISTRO ALCIDES CARNEIRO
BACHARELADO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS

MARIANA BARRETO DE ARAÚJO

**COOPERATIVISMO, GLOBALIZAÇÃO E INTERDEPENDÊNCIA COMPLEXA A LUZ
DA EXPERIÊNCIA NA COOPERATIVA DE MATERIAIS RECICLÁVEIS EL CEIBO,
ARGENTINA.**

**JOÃO PESSOA – PB
2016**

MARIANA BARRETO DE ARAÚJO

**COOPERATIVISMO, GLOBALIZAÇÃO E INTERDEPENDÊNCIA COMPLEXA A LUZ
DA EXPERIÊNCIA NA COOPERATIVA DE MATERIAIS RECICLÁVEIS EL CEIBO,
ARGENTINA.**

Trabalho de Conclusão de Curso na **modalidade Monografia** apresentado ao Curso de Bacharelado em Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais, em cumprimento às exigências legais, semestre 2016.2.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Jacqueline Echeverría Barrancos

**JOÃO PESSOA-PB
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A658c Araújo, Mariana Barreto de
Cooperativismo, globalização e interdependência complexa a
luz da experiência na Cooperativa de Catadores El Ceibo,
Argentina. [manuscrito] / Mariana Barreto de Araújo. - 2016.
39 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações
Internacionais) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, 2016.

"Orientação: Profa. Dra. Jacqueline Echeverria Barrancos,
Departamento de Relações Internacionais".

1. Relações Internacionais 2. Cooperativismo 3. El Ceibo I.
Título.

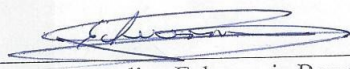
21. ed. CDD 327

MARIANA BARRETO DE ARAÚJO

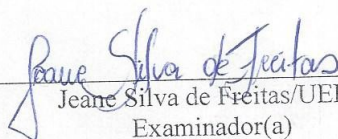
COOPERATIVISMO, GLOBALIZAÇÃO E INTERDEPENDÊNCIA COMPLEXA A LUZ DA
EXPERIÊNCIA NA COOPERATIVA DE MATERIAIS RECICLÁVEIS EL CIEBO,
ARGENTINA.

Monografia apresentada ao Curso de Relações
Internacionais da Universidade Estadual da
Paraíba.

Aprovado(a) em 27 / 10 / 2016



Jacqueline Echeverria Barrancos/UEPB
Orientador(a)



Jeane Silva de Freitas/UEPB
Examinador(a)



Maurício Sarda de Faria/UFPB
Examinador(a)

“Tão mais longe se torna o cais
Lindo é voltar.
É difícil o meu caminhar
Mas vou tentar.
Não importa qual seja a dor
Nem as pedras que eu vou pisar
Não me importo, se é pra chegar [...]”

O amor é o meu país – Ivan Lins

AGRADECIMENTOS

A vida, que tão generosamente me permitiu nascer em um país livre, pacífico e onde apesar de tudo, eu posso ser quem e o que quiser; a todas as pessoas, de todos os países e lugares onde já estive, que sutilmente e sem saber, ajudaram na construção do meu senso crítico e tolerância para com o diferente; aos projetos sociais e de extensão da Universidade Estadual da Paraíba, que me sensibilizaram, tornando-me mais humana e empática aos dilemas e dificuldades dos menos favorecidos; a Cooperativa El Ceibo, que nos deu todo apoio e suporte para realizarmos a nossa pesquisa, a Alex Cardoso, o responsável pela intermediação da nossa visita a Cooperativa, as amigas Carolina Clemens e Bruna Antonella Metran, cujo apoio foi fundamental para a realização da pesquisa, a professora Jacqueline Echeverria Barrancos, que aceitou o desafio de me orientar nessa empreitada, a minha mãe e irmão, que convivem comigo todos os dias e com os quais esfuziantemente compartilho meus sucessos e fracassos, e ao meu cachorro Apolo, pelo seu afeto sincero.

“Que maravilha é ninguém precisar esperar um único momento para melhorar o mundo“.

Anne Frank

RESUMO

O fim da guerra fria no final dos anos 80 desenhou um novo panorama sócio-econômico no mundo. A ascensão norte-americana ao centro do poder global, a difusão dos preceitos neoliberais e a revolução técnico-informacional do final do século xx evidenciaram a relevância de atores e temáticas até então desconsideradas nas Relações Internacionais. Neste sentido o trabalho de Conclusão de Curso a seguir tem como objetivo principal apresentar parcialmente os resultados da pesquisa de PIBIC intitulada: “Precarização do trabalho: um estudo de caso na Cooperativa El Ceibo em Buenos Aires/Argentina” realizada no ano de 2015, na cidade de Buenos Aires, Argentina. Adotamos para a realização de nossa pesquisa as abordagens *quantitativa* e *qualitativa*, com a pesquisa exploratória, descritiva e de campo. Foram realizadas duas etapas principais para este estudo. A primeira, no Brasil através da revisão bibliográfica e a segunda etapa da pesquisa, realizada na cidade de Buenos Aires, Argentina. Realizamos na cidade de Buenos Aires: 10 (dez) visitas junto a sede da cooperativa em Palermo e 2 (duas) visitas ao galpão, localizado no bairro de Villa Crespo. A nossa amostra constou de 40 cooperados em um universo que varia de 200 a 300 e utilizamos um questionário para coleta de dados. Os resultados indicam que a Cooperativa El Ceibo é um empreendimento bem consolidado, com um importante trabalho de inclusão e responsabilidade socioambiental e como conclusão tivemos que alternativas laborais como o Cooperativismo podem surgir ou ressurgir com mais força perante os desdobramentos negativos do modelo econômico existente, mas elas são fruto mais de um esforço civil individual de superação de dificuldades, que de uma política efetiva de governo objetivando a minimização dos efeitos colaterais da globalização e interdependência. Identificamos assim os impactos que as novas configurações pós guerra fria causaram aos países, suas economias e mercado de trabalho, sensibilizando-os e os deixando vulneráveis no sistema internacional, com foco aqui para a Argentina e a capital do país.

Palavras-chave: Relações Internacionais, Cooperativismo, El Ceibo.

RESUMEN

El fin de la guerra fría al final de los años 80 ha diseñado un nuevo panorama socioeconómico en el mundo. La ascensión estadounidense al centro del poder global, la difusión de los preceptos neoliberales y la revolución tecno-informacional del fin del siglo XX evidenciaron la relevancia de actores y temas hasta entonces indiferentes a las Relaciones Internacionales. En este sentido, la tesis de grado a seguir tiene como objetivo principal presentar parcialmente los resultados de la investigación de PIBIC titulada: “Precarização do trabalho: um estudo de caso na Cooperativa El Ceibo em Buenos Aires/Argentina” realizada en el año de 2015, en la ciudad de Buenos Aires, Argentina. Adoptamos para la realización de nuestra investigación los abordajes *cuantitativo* y *cualitativo*, con la investigación exploratoria, descriptiva y de campo. Fueron realizadas dos (2) etapas principales para este estudio. El primero, en Brasil por medio de revisión bibliográfica y la segunda etapa de la investigación, realizada en la ciudad de Buenos Aires, Argentina. Realizamos en la ciudad de Buenos Aires: 10 (diez) visitas junto a la sede de la cooperativa en Palermo y 2 (dos) visitas al galpón, ubicado en el barrio de Villa Crespo. Nuestra muestra constó de 40 (cuarenta) cooperados en un universo que varía de 200 a 300 y utilizamos una encuesta para la colecta de los datos. Los resultados apuntan que la Cooperativa El Ceibo es un emprendimiento bien estructurado, con un importante trabajo de inclusión y responsabilidad socioambiental y por conclusión tuvimos que alternativas laborales como el Cooperativismo pueden surgir o resurgir con más fuerza ante los desdoblamientos negativos del modelo económico existente, pero ellas son fruto bien más de un esfuerzo civil individual de superación de dificultades, que de una política efectiva de gobierno objetivando la minimización de los efectos colaterales de la globalización y interdependencia. Identificamos, así los impactos que las nuevas configuraciones póst guerra fría han causado a los países, sus economías y el mercado de trabajo, sensibilizándolos y dejándolos vulnerables en el sistema internacional, con foco aquí para la Argentina e la capital del país.

Palabras-clave: Relaciones Internacionales, Cooperativismo, El Ceibo.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AL	América Latina
CEPAL	Comissão econômica para a América Latina
CABA	Ciudad Autónoma de Buenos Aires
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
EPI	Equipamento de proteção individual
INDEC	Instituto Nacional de Estadística y Censos
RI	Relações Internacionais
SI	Sistema Internacional
ONU	Organização das Nações Unidas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	1
2 PROBLEMATIZAÇÃO E REVISÃO DA LITERATURA	2
2.1 Problematização: Surgimento, Desafios do Cooperativismo e Contextualização.....	2
2.2 As novas configurações do mundo globalizado: interdependência complexa, globalização, neoliberalismo econômico e os temas adjacentes nas Relações Internacionais.	7
2.3 Trabalho e Cooperativismo em âmbito Internacional: A Organização Internacional do Trabalho.....	14
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	16
3.1 O interesse pelo tema da pesquisa.....	17
3.2 Tipo de pesquisa, amostragem, instrumento de coleta de dados	17
3.3 Caracterização do Campo de Pesquisa	19
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO DO TEMA	22
4.1 Dinâmica e funcionamento da Cooperativa.....	24
4.2 Inclusão e Responsabilidade Socioambiental.....	26
4.3 Perfil social dos Cooperados.....	31
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS.....	33
ANEXOS	38

1. INTRODUÇÃO

A origem do trabalho e a origem do homem se confundem. Homem e trabalho sempre foram, desde os primórdios da civilização, componentes de uma só perspectiva, sendo por vezes o próprio sentido de existência um do outro. Do trabalho artesanal, onde o que se consumia e se trocava provinha da sua capacidade em produzir com o talento das suas mãos; passando pelo trabalho escravo, fruto da ambição e expansão dos seus domínios a todo custo; até a era fabril, do trabalho formal e sistemático, onde as atividades eram específicas e delegadas. O trabalho é a única característica inerente ao ser humano desempenhada objetivando uma finalidade mais além da sobrevivência, distinguindo-o assim, das demais espécies.

Na idade moderna, com o advento da primeira revolução industrial ocorrida na Inglaterra do século XVIII (HOBSBAWN, 2009), os trabalhadores operários, já cansados do modelo limitante, explorador e desumano do então capitalismo industrial, decidiram por criar alternativas que fossem em contra a esses valores. Nasceram assim as primeiras associações de cunho assistencialista, e que logo mais, se transformariam nas denominadas “Cooperativas de trabalho”, incentivadas principalmente pelos ideais de homens como Robert Owen, Charles Fourier e Louis Blanc, socialistas utópicos contrários à exploração servil do homem e que tinham como objetivo combater as péssimas condições laborais da classe operária.

Este trabalho de conclusão de curso é um recorte da pesquisa de pibic intitulada “Precarização do trabalho: um estudo de caso na Cooperativa El Ceibo em Buenos Aires/Argentina”, da cota 2014/2015, financiada pelo CNPq e UEPB e realizada *in loco* em março de 2015, na Argentina. Como objetivo geral apresentaremos parte dos resultados da referida pesquisa relacionando-os com a Teoria da Interdependência Complexa e contextualizando-os com as mudanças socioeconômicas ocorridas no pós Guerra fria. E como objetivos específicos contextualizaremos a interdependência complexa, as mudanças ocorridas no mundo pós Guerra Fria e a instabilidade econômica e laboral argentina oriunda dessas mudanças com o surgimento de empreendimentos como as cooperativas de reciclagem no país, em especial na cidade de Buenos Aires e também levantaremos a discussão sobre os impactos no mercado de trabalho argentino, tomando por base a teoria da interdependência complexa e os conceitos de sensibilidade, vulnerabilidade, simetria e assimetria.

Entendendo as relações internacionais num contexto macro, cujo estudo e inserção de temas adjacentes aos tradicionais do chamado “mainstream” se fazem essenciais para uma melhor análise

da nova realidade política, econômica, social e laboral do mundo globalizado; tem-se que as cooperativas de trabalho, enquanto potenciais geradoras de renda e emponderamento econômico das comunidades e sociedades são peças fundamentais para um maior dinamismo e inclusão socioeconômicos, não só na América Latina, mas em todo o mundo, ainda que invariavelmente surjam ou proliferem de contextos de crise na era da globalização e interdependência.

2. PROBLEMATIZAÇÃO E REVISÃO DA LITERATURA

2.1 Problematização: Surgimento, Desafios do Cooperativismo e Contextualização

Homem e trabalho sempre foram componentes de uma só perspectiva, sendo, por vezes, a razão de existência um do outro. Nos primórdios da civilização, o homem detinha através do desempenho do trabalho físico, o seu único meio de sobrevivência. A necessidade de nutrir-se, abrigar-se: o ato de se produzir o que se necessitava a partir do próprio esforço é exaltado no livro bíblico Eclesiastes: “Que todos comam e bebam, e desfrutem dos resultados de todo o seu trabalho árduo. É a dádiva de Deus.” (Eclesiastes 3:13). A medida em que o nomadismo vai dando lugar ao sedentarismo nas sociedades especialmente com a domesticação de animais e a prática da agricultura; a complexidade das atividades desempenhadas vai cada vez mais exigindo do homem disciplina e organização e necessidades até então inexistentes vão naturalmente fazendo surgir práticas como a do trabalho artesanal, por exemplo. Na antiguidade clássica, o trabalho físico era visto como indigno para o homem livre, que dedicava-se às atividades intelectuais e a vida social, relegando as tarefas pesadas aos escravos e servos: “A utilidade do escravo é semelhante à do animal. Ambos prestam serviços corporais para atender às necessidades da vida. A natureza faz o corpo do escravo e do homem livre de forma diferente.” (ARISTÓTELES, 1985). E no medievo ocidental, o feudalismo criou uma dinâmica societária na qual todos aqueles que não dispunham de terras eram dependentes do chamado senhor feudal. Aos servos, incumbia-se a responsabilidade laboral quase que totalitária dos feudos uma vez que esses se constituíam no coração da vida ativa, social e econômica dessa sociedade: “Foi um modo de produção regido pela terra e por uma economia natural, na qual nem o trabalho nem os produtos do trabalho eram bens. O produtor imediato – o camponês – estava unido ao meio de produção – o solo – por uma específica relação social” (ANDERSON, 2004,p.143).

A saída da idade média para a modernidade representou uma quebra de paradigmas sem precedentes na história do trabalho e do homem. Ainda que essa transição tenha se dado com quase

200 anos até a consolidação do modelo capitalista de produção (DOBB, 1946), o fato é que o feudalismo havia sucumbido em sua essência e dado lugar a uma nova concepção de trabalho: o trabalho assalariado. O trabalho servil e artesanal, estabelecido por motivos de dependência (feudal) ou graças ao excedente do sistema (artesanal) agora é remunerado de acordo a sua função. A força de trabalho do homem passa então a ser trocada por dinheiro. “O servo pertence à terra e rende frutos ao dono da terra. O operário livre, pelo contrário, vende-se a si mesmo, e além disso por partes” (MARX,1849). A economia capitalista, sustentada principalmente pelo sistema fabril taylorista/fordista em sua primeira etapa e preconizadora do trabalho sistemático, repetitivo e alienante; caracterizou-se pela divisão entre os detentores do capital (maquinário, dinheiro, riqueza) e os detentores da mão de obra (trabalhadores assalariados). Com a introdução de novas tecnologias produtivas pioneiramente pela Inglaterra; as famílias de agricultores da zona rural migraram para as grandes cidades em busca de melhores oportunidades e foram, a partir daí, inseridas em um novo contexto econômico, que seria o fio condutor de uma revolução de resultados permanentes e em todos os aspectos da vida em sociedade.

Avaliar os impactos de toda e qualquer mudança importante requer cautela. Sempre haverá prós e contras, vantagens e desvantagens. O capitalismo proporcionou ao homem o direito da escolha; a tutela da própria vida. Se antes a sua subsistência era atrelada a condição servil ou escravista; agora ela só depende de si. O homem tornou-se de fato a sua propriedade, responsável por suas escolhas e livre para decidir o próprio caminho:

Capitalism establishes a social contract that makes it possible for individuals to exercise their franchise and free agency. It gives people the ability to be secure in themselves and their possessions and, having provided security, it enables people to assume risk that they were previously unwilling to assume. It creates the necessary conditions for people to escape poverty and create wealth for themselves and for other. (BUTTERS, p.7)

Mas o capitalismo também tem o seu lado escuro. A brusca mudança do estilo de vida do homem do campo para a cidade trouxe relevantes consequências. A poluição urbana a qual o camponês não estava acostumado, a rotina metódica e sistemática fabril, e claro, as condições extenuantes e sufocantes de trabalho as quais essa nova classe trabalhadora – a operária – tinha de se adaptar. A literatura que documenta a época, bem como os historiadores que estudam o período da primeira revolução industrial, trazem farta informação sobre a vida do operário de então: sua estressante carga-horária quase sempre indefinida, os baixos salários, incompatíveis as horas trabalhadas, o manuseio do maquinário sem prudência ou segurança, o trabalho infantil, talvez a

mais perversa característica do processo. Charles Dickens, popular romancista da Era vitoriana, descreve num trecho do capítulo “The keynote” do célebre romance *Hard Times* um pouco da atmosfera inglesa nos novos tempos industriais:

It was a town of red brick, or of brick that would have been red if the smoke and ashes had allowed it; but as matters stood, it was a town of unnatural red and black like the painted face of a savage. It was a town of machinery and tall chimneys, out of which interminable serpents of smoke trailed themselves for ever and ever, and never got uncoiled. It had a black canal in it, and a river that ran purple with ill-smelling dye, and vast piles of building full of windows where there was a rattling and a trembling all day long, and where the piston of the steam-engine worked monotonously up and down, like the head of an elephant in a state of melancholy madness. It contained several large streets all very like one another, and many small streets still more like one another, inhabited by people equally like one another, who all went in and out at the same hours, with the same sound upon the same pavements, to do the same work, and to whom every day was the same as yesterday and to-morrow, and every year the counterpart of the last and the next. (1854).

E soma-se a isso a mecanização das fábricas, que também revelou outra faceta do capitalismo industrial: o desemprego. Movimentos operários como o *ludismo*, por exemplo, expõem a fragilidade do trabalhador moderno: as máquinas eram encaradas como as grandes vilãs, responsáveis pelo empobrecimento e miserabilidade das famílias operárias. A necessidade de pensar em modelos alternativos de trabalho e renda; que valorizassem o homem enquanto ser humano, muito além da sua mera capacidade produtiva, surge nesse momento. A luta pelos direitos do trabalhador dá margem a criação das primeiras organizações políticas de trabalhadores, os sindicatos; e a vontade de superar a precarização do trabalho, as péssimas condições de vida e salários, fomenta a aparição das chamadas associações de trabalhadores, que viriam depois a se tornar as denominadas cooperativas de trabalho.

Segundo a definição de Pinho (1996) o Cooperativismo seria a “[...] doutrina que visa à renovação social através da cooperação”. O movimento cooperativista sempre foi, ao longo de sua existência, confundido com as manifestações de cooperação humana por diversos autores e economistas, alguns célebres como Charles Gide e León Walras, por exemplo; e sendo por vezes, utilizado como sinônimo deste. Segundo Klaes (2005), o cooperativismo seria algo natural da índole humana, remontando aos mais tenros tempos:

O homem, como ocupante do mais elevado grau da escala dos seres vivos também prescinde de auxílio e cooperação mútua (assim tem sido desde seus primórdios), para a consecução de seus objetivos mais imediatos. Dessa forma [...] não há dúvida sobre a tendência do homem

em buscar sanar as exigências que o meio ambiente lhe impõe, por meio de uma ação grupal, pois, assim é, talvez, mais fácil. Por isso, cooperativismo é um fenômeno que tem acompanhado a evolução do homem desde seus primórdios. (p.34).

De fato, o ato da cooperação humana advém de muito antes da revolução industrial. Situações extremas e de risco podem sim nos fazer trabalhar em grupo a fim de alcançar um objetivo. Porém, o ato de cooperar não pode nem deve ser confundido com o Cooperativismo. A finalidade de tal organização social pode e talvez seja a mesma do ato de cooperação em si: o esforço conjunto em prol de uma meta coletiva. Só que com detalhes que fazem toda a diferença. O movimento cooperativista, ao contrário do ato da cooperação, dispõe de doutrina, estatutos, normas. Ele é caracterizado e direcionado para fins econômicos, mercadológicos e/ou educativos. Portanto, tal associação não pode nem deve ser feita: o movimento cooperativista é genuinamente moderno, oriundo da revolução industrial inglesa e posteriormente francesa, e originário da insatisfação do trabalhador com o seu estilo de vida e sua rotina de trabalho.

Do ponto de vista sociológico, cooperação é uma forma de integração social e pode ser entendida como ação conjugada em que pessoas se unem, de modo formal ou informal, para alcançar o mesmo objetivo. A cooperação, quando organizada segundo estatutos previamente estabelecidos, dá origem a determinados grupos sociais. Dentre tais grupos as cooperativas representam aqueles que visam, em primeiro lugar, a fins econômicos e educativos. A doutrina que deu base teórica às realizações cooperativistas constitui o cooperativismo. Portanto, cooperação e cooperativismo não são palavras sinônimas. (Pinho, 1966, p.7).

Das experiências cooperativistas datadas da época da primeira revolução industrial, a mais célebre de todas, sem dúvidas é a de Rochdale. A história nos conta que em 1844 um grupo de 28 tecelões decidiu formar a Rochdale Equitable Pioneers Society, uma espécie de loja de produtos alimentícios que vendia insumos básicos como Farinha, Açúcar, Sal e Manteiga, localizada no pequeno povoado de Rochdale, próximo a Manchester, Inglaterra. Sob os fundamentos e valores da honestidade, abertura, responsabilidade social e preocupação com os demais; os pioneiros de Rochdale tiveram como maior motivação a necessidade de estabilidade financeira e laboral, ao mesmo tempo, que os permitisse ter uma qualidade de vida melhor. Alguns haviam sido discípulos do considerado pai do Cooperativismo, Robert Owen¹ e, portanto, conheciam os princípios daquele

¹ Robert Owen (1771 – 1858) Industrial e reformador Inglês cujo trabalho se deu mais especificamente no âmbito do combate a pobreza resultante da revolução industrial por meio de comunidades industriais e dos seus ideários socialistas, sendo ele um dos fundadores dessa corrente de pensamento. Defensor da diminuição da jornada de trabalho e da valorização do trabalhador, do seu trabalho e bem estar, encontrou no cooperativismo um meio de combate a crise econômica e social da sua época. È atribuída a Owen a fundação

tipo de negócio. Além disso, o grupo já funcionava como uma sociedade, porém, que não conseguia juntar capital para segurar de fato o empreendimento. Para levar adiante a ideia, decidiram se capacitar e estudar, se reunindo periodicamente e montando as suas disposições principais, as normas as quais teriam de seguir.

Copiaron de una institución de Manchester, la "Sociedad de Socorros para Casos de Enfermedades y de Sepelios" las disposiciones que más se amoldaban a sus propósitos, introduciendo las modificaciones y agregando convenientes [...]“Los 28 trabajadores de Rochdale pudieron acumular \$120 dólares en un año. La mitad del dinero fue para arrendar una pequeña tienda en la calle 31 Toad Lane (calle del Sapo). El resto del dinero se usó para surtirse de y construir estantes. La tienda de la Rochdale Society Cooperative vendía productos de alimentación básicos como azúcar, harina, sal y mantequilla. La sociedad compraba al mayor y vendía a cada uno a precios bajos. (Sociedad de los equitativos pioneros de Rochdale, 1844).

O êxito de Rochdale se deve sem dúvidas a fidelidade de princípios com que os seus membros tocaram o negócio. Mas além dos preços justos ou dos produtos de boa qualidade: Rochdale permitiu a sociedade como um todo conhecer melhor a sua experiência de sucesso, abrindo caminho para que outras associações do gênero pudessem ser criadas sem abrir mão dos valores essenciais de honestidade, humanidade e respeito. A partir de Rochdale, outras experiências cooperativistas de gêneros distintos surgiram Europa afora, como as cooperativas de crédito especialmente na Alemanha; as cooperativas agrícolas inicialmente na Dinamarca e Alemanha, as cooperativas de saúde em várias partes do continente já no fim da primeira revolução industrial, e as cooperativas de trabalho, com forte predominância francesa. Segundo estimativas da International Cooperative Alliance², as Cooperativas detêm atualmente em média 1 milhão de membros em todo o mundo, gerando 100 milhões de postos de trabalho direto, 20% a mais que empresas multinacionais. Calcula-se que os ativos das 300 maiores cooperativas do mundo detenham o montante equivalente a US\$ 1,1 trilhão ultrapassando com folga o PIB de boa parte das economias nacionais de muitos países. O movimento cooperativista, como se vê, manteve-se firme ao longo dos últimos séculos,

de algumas comunidades socialistas industriais, com a de Orbiston (Inglaterra), por exemplo.

² The International Co-operative Alliance é uma associação internacional sem fins lucrativos criada em 1895 para fazer avançar o modelo de empresa social cooperativo. A Aliança é a organização de cúpula para as cooperativas em todo o mundo, representando federações de 284 cooperativas e organizações em 95 países (dados de Janeiro de 2015). Os membros da Aliança são federações nacionais co-operativas, organizações cooperativas individuais e escritórios governamentais preocupadas com as cooperativas. Fonte: <http://ica.coop/en/international-co-operative-alliance>.

espalhando-se por outras partes do mundo e permanecendo até os dias de hoje como um importante promotor de emprego e renda nos mais variados setores.

2.1 As novas configurações do mundo globalizado: Interdependência Complexa, Globalização, Neoliberalismo econômico e os temas adjacentes nas Relações Internacionais.

Para compreender melhor o contexto em que se insere o mundo do trabalho e suas ramificações – como o cooperativismo – dentro da perspectiva das Relações Internacionais; faz-se necessário fundamenta-lo em teorias que corroboram a nossa visão dos fatos e como eles se dão em âmbito internacional. Utilizaremos como aporte teórico, para tanto, a teoria da Interdependência Complexa, que aponta como as mudanças econômicas e técnico-informacionais que se deram na segunda metade do século XX influenciaram no redesenho geopolítico, social e econômico mundial, gerando um sistema internacional intrínseco e interdependente; e o neoliberalismo econômico, modelo consolidado com a afirmação hegemônica norte-americana no pós guerra fria e que vem moldando as relações financeiras e econômicas até os dias de hoje.

"Com o fim da Guerra Fria em 1989, diversos observadores sustentaram que os problemas econômicos se tornariam mais importantes na política mundial". É com essa frase que Nye e Keohane, teóricos neoliberais das RI, iniciam o capítulo "Globalização e Interdependência" do seu livro "Cooperação e conflito nas Relações Internacionais" (2005). O mundo viu rapidamente o despontar de redes de interdependência de alcance global no final do século XX, que intensificaram as relações entre os Estados e os deixaram mais interligados uns aos outros. Somou-se a isso os novos processos tecno-informacionais ocorridos no período – o engatinhar da rede mundial de computadores, a conquista do espaço, a popularização do avião como meio de transporte – que junto a crescente influência de atores não governamentais como as ONG's e os organismos internacionais, moldaram um mundo diferente do conhecido pelos teóricos das correntes teóricas tradicionais, em especial, a corrente realista. As questões militares e de segurança já não eram as únicas relevantes no sistema internacional. O novo mundo que se apresenta é mais complexo, com definições mais elaboradas e com uma gama maior de temáticas consideráveis. Nesse contexto, os autores destacam os termos "mundialização" ou ainda "globalização" para explicar tais mudanças, que, segundo eles, seriam processos definidos como "redes mundiais de interdependência" (p.244). Os acontecimentos que ocorreriam em diferentes partes do globo, afetariam os atores do SI de

forma igualitária. Nas palavras de Nye e Keohane (2005, p.251) "interdependência significa dependência mútua [...] a interdependência tem como subconjunto a globalização, ocorrendo esta segunda, em distâncias mundiais" (Nye, 2005).

O conceito de interdependência complexa, desenvolvido pioneiramente por Nye e Keohane e trazido na publicação *Poder e Interdependência*, de 1977, seria fruto, segundo eles, da sua então percepção e reflexão sobre as irreversíveis mudanças ocorridas no mundo a partir do início dos anos 70 do século XX (p, xi). Embora os autores se utilizem dos preceitos liberal e realista para construir a sua própria visão dos fatos associando, segundo eles, o “estresse liberal da interdependência com o foco realista do poder” (p, xi), o principal alvo de questionamentos da obra é direcionado ao realismo, que trata os organismos internacionais como inexistentes e desimportantes, valorizando apenas o exercício e domínio da força na busca pela sobrevivência no sistema internacional e a capacidade dos estadistas em ajustar os seus interesses na balança de poder, garantindo um bom e estável funcionamento do sistema (p.24). Nye e Keohane afirmam que todas essas premissas podem ser desconstruídas. Um mundo em que atores além do estado participariam das decisões políticas e demais adjacentes, além da ausência de hierarquias e do uso da força bélica, seria totalmente plausível de existir; e o conceito da interdependência complexa, figuraria, dessa forma, como mais um viés de interpretação do cenário mundial – sem pretensão de ser o único, como deixa claro os seus autores – mas, notabilizando-se nesse sentido, como uma perspectiva analítica moderna e integrativa nas relações internacionais (p.24).

Dentro da teoria da interdependência complexa, duas dimensões conceituais chave merecem especial destaque. São elas: *sensibilidade* e *vulnerabilidade*. Segundo esses conceitos, o poder se manifestaria em duas dimensões, que seriam a *sensibilidade* e a *vulnerabilidade*. Essas manifestações estariam diretamente ligadas ao modo com que determinado recurso ou capacidade seria empregado ou manejado por um ator, visando influir diretamente no resultado final de uma ação em relação a outro ator. (RICOBOM, 2003, p.254-255). Assim, a *sensibilidade* significaria o grau de resposta ou nível de impacto da ação de um ator em relação ao outro, enquanto que a *vulnerabilidade* disporia da possibilidade de determinado ator ser influenciado pelas ações de outro ator (RODRIGUES, 2014). Enquanto que a *sensibilidade* estaria avaliada para um nível interno dos impactos causados externamente, a *vulnerabilidade* determinaria o quão capaz um ator estaria para enfrentar as mudanças em âmbito internacional (NYE, KEOHANE 1977). Ainda dentro da perspectiva da interdependência, Nye e Keohane preceituam que a *sensibilidade* e *vulnerabilidade* podem se dar em diferentes níveis, sendo eles *simétricos* ou *assimétricos* (1977). A interdependência será *simétrica* a medida em que todos os atores do sistema são afetados e na

interdependência assimétrica, um dos atores permanece indiferente, ou não é afetado do mesmo modo. Quanto maior a *assimetria*, maior conflito e instabilidade. E quanto maior simetria, maior cooperação e equilíbrio (RICOBOM, 2003).

Se aplicarmos os preceitos de *sensibilidade e vulnerabilidade, simetria e assimetria*, para o caso concreto do estudo de caso da Cooperativa El Ceibo, seu contexto de surgimento e a situação laboral da Argentina no final do século passado, poderemos entender melhor como o remodelamento do mundo no pós guerra fria em paralelo ao processo de interdependência econômica conduzido pelos Estados Unidos da América, interferiu diretamente nas economias regionais latino-americanas, no mercado de trabalho argentino, desequilibrando de modo desproporcional – assimétrico – a sua economia e mercado interno.

Segundo Medeiros e Macêdo (2006, p.63) “as mudanças estruturais, tecnológicas e econômicas que marcaram as últimas décadas, desde o final do século XX, resultaram em mudanças na configuração do mundo do trabalho”. Com a flexibilização do capital e a pujança das empresas multinacionais proporcionada pela globalização, o surgimento de uma nova Divisão Internacional do Trabalho foi inevitável. A ascensão do modelo econômico neoliberal, dominado pelo sistema financeiro internacional e caracterizado pela mínima intervenção estatal, adoção de medidas contra o protecionismo econômico, a privatização em massa dentre outros; interligou as economias nacionais, deixando-as vulneráveis e suscetíveis as oscilações do mercado. As reformas econômicas sofridas pelos países da América Latina entre o final dos anos 80 e ao longo dos 90, inspiradas nas medidas desenvolvidas no Consenso de Washington³, expuseram a fragilidade da região, mergulhando-a em crises cambiais e financeiras, resvalando no seu mercado interno.

Las causas del insuficiente aumento del empleo de mano de obra no calificada y del aumento del desempleo son múltiples. Sin embargo, una de las principales, si no la principal, es que el precio relativo del trabajo no calificado de América Latina en muchos casos resulta alto comparativamente con Asia, por ejemplo. Por lo tanto, la apertura comercial para muchos

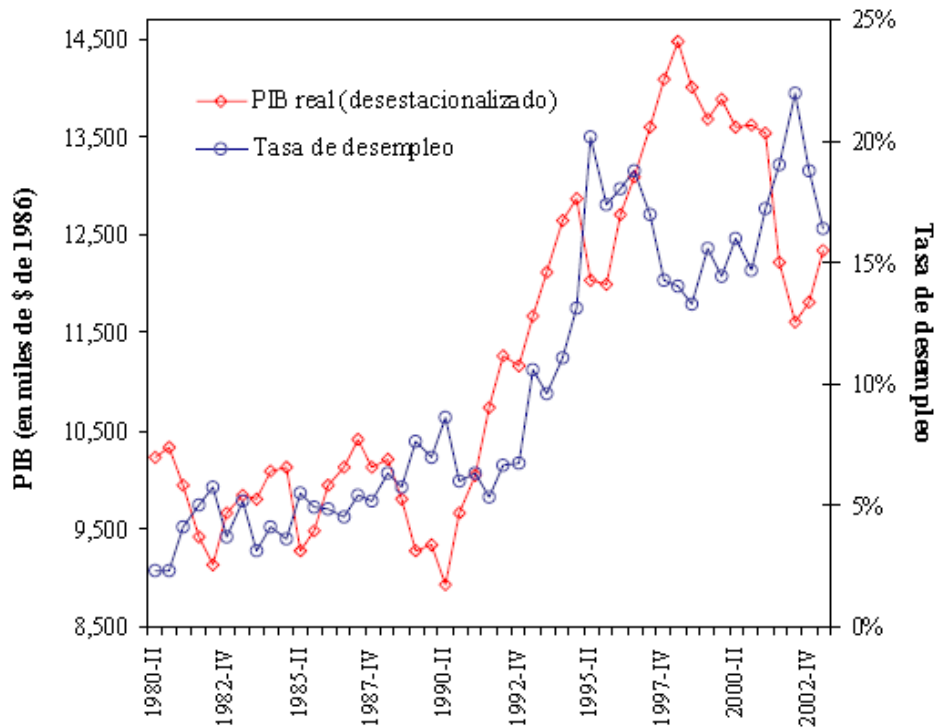
³ Dá-se o nome de consenso de Washington a um conjunto de medidas de ajuste macroeconômico formulado por economistas de diversas instituições financeiras sediadas nos Estados Unidos, tais como o Fundo Monetário Internacional, o Banco Mundial e o Departamento do Tesouro dos Estados Unidos, e que visava o desenvolvimento e a ampliação do neoliberalismo nos países da América Latina. O plano, baseado nas ideias do economista britânico John Williamson, do *International Institute for Economy*, foi discutido em uma reunião realizada em 1989 em Washington DC. Inicialmente, o documento recebeu uma recepção muito fria na América Latina, pois exigia uma sublevação no modo tradicional como a região abordava a economia política. Todavia, a opinião começou a mudar rapidamente e, na época do Plano Brady, em 1989, vários países já estavam implementando as reformas sugeridas. SANTOS, Fernanda Costa Leite, 2014.

países de la región, con apreciación cambiaria incluida, no constituye una ventaja comparativa en el factor trabajo, pues la mano de obra no es tan abundante ni tan barata en comparación con la de otras regiones. Antes de la apertura, casi todos los países operaban con tipo de cambio fijo y con una política comercial proteccionista. Con la apertura, muchos países pasan a operar con tipo de cambio fijo y, obviamente, con muy poca o ninguna protección comercial. El resultado de esto, en lo que al campo laboral se refiere, es que esos países acaban sin instrumentos para proteger el empleo en su sector transable, que, de por sí, era menos competitivo por efectos de la alta protección anterior. (globalización y trabajo decente, oit, p.11).

A situação da Argentina, em especial, fora uma das mais dramáticas. A recessão econômica do final dos anos 90 e início dos anos 2000 destituiu uma quantidade significativa de postos de trabalho em todo o país, especialmente na província de Buenos Aires, região que historicamente sempre concentrou grande parte do desenvolvimento industrial e conseqüentemente do seu contingente populacional. A conjuntura de instabilidade macroeconômica do país agravada pelas diversas crises ao longo de sua história, culminaram no final do século XX, num massivo e expressivo surgimento de desempregados e desocupados, que diante da situação de incerteza e falta de recursos, migraram para seguimentos informais de trabalho, dentre eles, o da catação de materiais recicláveis e reutilizáveis.

Os gráficos a seguir, extraídos do estudo “Duración del desempleo y ciclo económico en la Argentina” do Departamento de economia da Universidad Nacional de la Plata, de 2004 e feitos tomando por base dados do Instituto Nacional de Estadística y Censos – INDEC, mostram o panorama do desemprego na Argentina, especificamente na cidade de Buenos Aires e região metropolitana, no período que compreende da década de 80 até o começo dos anos 2000.

Gráfico N° 1
Tasa de desempleo en el GBA^() y nivel de actividad. 1980-2003*

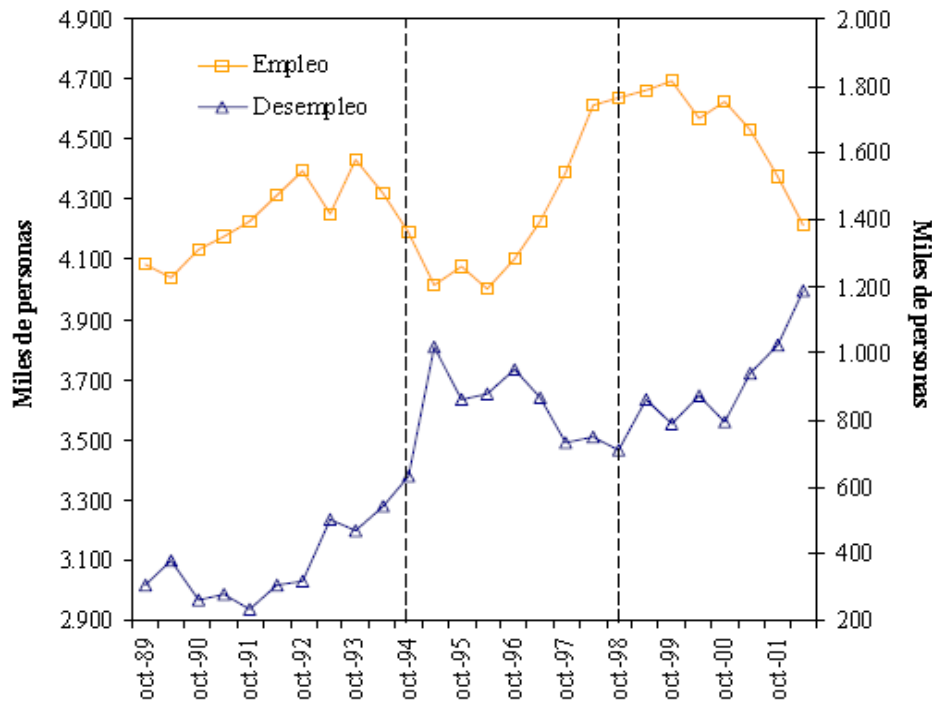


(*) Gran Buenos Aires.

Fuente: elaboración propia en base a INDEC.

No gráfico 1, podemos notar que da década de 80 (início da análise) até meados de 90, a taxa de desemprego (linha azul) na cidade de Buenos Aires apresenta uma certa constância crescente, disparando de 92 em diante e encontrando o seu maior pico entre os anos de 2000 a 2002.

Gráfico N° 2
Empleo y desempleo en el GBA^(). 1989-2002*



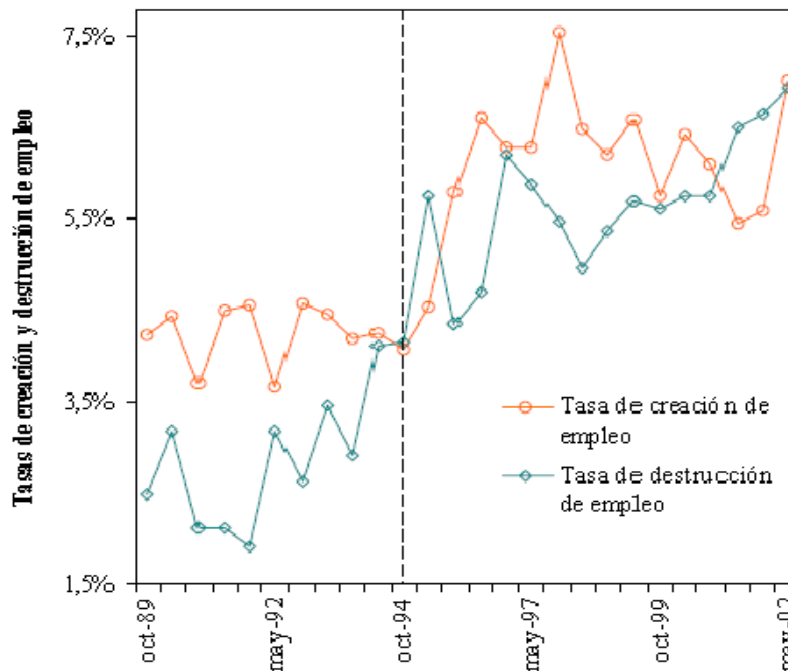
(*) Gran Buenos Aires.

Fuente: elaboración propia en base a INDEC.

No Gráfico 2, a linha que marca a taxa de desemprego (azul) apresenta o seu pico crescente no ano de 2001 (outubro). Em comparação, a linha que representa a taxa de emprego (laranja) apresenta um decréscimo nos anos de 94 a 96 (com uma leve recuperação entre o período) e novamente, a partir do ano de 1999, volta a apresentar queda com pico decrescente no ano de 2001.

Gráfico N° 3

Tasa de creación y de destrucción de empleo en el GBA^(). 1989-2002*



Nota: (a) Tasa de creación de empleo: % de individuos que llevan 1 mes o menos de empleo / total de empleados; (b) Tasa de destrucción de empleo: % de individuos que llevan 1 mes o menos de desempleo / total de empleados.

No gráfico 3, é possível perceber que a linha que compreende a taxa de criação de emprego (laranja) apresenta uma queda depois de 1999 voltando a crescer apenas em 2002. E a taxa de destruição do emprego (linha azul) apresenta um crescimento depois de 1999, apresentando o seu pico no ano de 2002.

Nessa perspectiva, as chamadas Cooperativas de Reciclagem – formadas por catadores de materiais recicláveis – surgem no rescaldo de incerteza laboral do país e da cidade de Buenos Aires, no período. A tradição do Cooperativismo em Buenos Aires é antiga, como afirma PAIVA (2013, p.2); porém, o surgimento de cooperativas direcionadas a coleta, separação e venda de materiais recicláveis, ganha fôlego a partir dos anos 90, tendo como pano de fundo o aumento da desocupação e da pobreza, a precária legislação que regulava a gestão dos resíduos sólidos urbanos na cidade, a crise do final de 90 e início dos anos 2000 e a substituição de importações implementada no país depois da troca da paridade cambial no começo de 2002 (PAIVA, 2013, p.3). Ricardo Antunes (2008) sustenta que essa e outras modalidades de trabalho, como o voluntariado e o empreendedorismo, por exemplo, refletem exatamente o caráter excludente e precário em que o trabalhador teve de ser submetido ante a nova realidade do mundo globalizado e interdependente:

Foi nesse contexto que o capital, em escala global, vem redesenhando novas e velhas modalidades de trabalho – o trabalho precário – com o objetivo de recuperar as formas econômicas, políticas e ideológicas da dominação burguesa. Proliferaram, a partir de então, as distintas formas de “empresa enxuta”, “empreendedorismo”, “cooperativismo”, “trabalho voluntário”, etc, dentre as mais distintas formas alternativas de trabalho precarizado. E os capitais utilizaram-se de expressões que de certo modo estiveram presentes nas lutas sociais dos anos 1960, como controle operário, participação social, para dar-lhes outras configurações, muito distintas, de modo a incorporar elementos do discurso operário [...] O exemplo das cooperativas talvez seja o mais eloqüente, uma vez que, em sua origem, as cooperativas eram reais instrumentos de luta e defesa dos trabalhadores contra aprecação do trabalho e o desemprego (ANTUNES, p.5, 2008).

A dinâmica de funcionamento da interdependência para os países da AL como a Argentina; pode ser, portanto, avaliada como do tipo assimétrica, uma vez que as consequências, especialmente econômicas, oriundas de todos esses processos, foram sentidas com mais intensidade na região. A Argentina, como os demais países latinos, apresentaram uma *sensibilidade* maior para as interferências desse novo sistema, tornando-se *vulnerável* as consequências destas interferências. Por este motivo, na América Latina, interdependência é mais frequente e historicamente vista como sinônimo de ‘imperialismo estrutural’ ou ‘neoimperialismo’ visto que o ‘Norte’ tem se imposto – com base em capital, tecnologia e acesso a mercados – beneficiando-se da dependência do ‘Sul’ (Guedes apud Keohane e Nye, 1977).

2.2 Cooperativismo e trabalho em âmbito internacional: a Organização Internacional do Trabalho.

Criada em 1919 como parte do acordo de Paz (ou tratado de Versalhes) entre a Alemanha e os países da chamada Tríplice Entente⁴ (acordo este que deu fim a primeira guerra mundial) a Organização Internacional do Trabalho – OIT – é a agência da ONU especializada para assuntos laborais, tendo atuação na América Latina e Caribe, África, Europa e Ásia Central e também nos Estados Árabes.

A criação da OIT foi uma das consequências impostas no tratado, como deixa claro a parte XIII do documento – TRABALHO (LABOUR): “The constitution of the International Labour Organization” (Tratado de Versalhes, p.227, 1919). A constituição que viabilizou a existência do

⁴ Acordo militar constituído no início do século XX entre Império Britânico, Russo e a República Francesa e que teve por objetivo fazer frente ao bloco da Tríplice Aliança (composto pelos Impérios Alemão, Italiano e Austro-Húngaro).

organismo foi elaborada entre janeiro e abril de 1919 por uma comissão estabelecida ainda na conferência de Paz e presidida pelo presidente da Federação Estadunidense do Trabalho (AFL), Samuel Gompers (OIT pagina, referenciar). Segundo consta na sua página oficial “La Constitución contenía ideas ya experimentadas en la Asociación Internacional para la Protección Internacional de los Trabajadores, fundada en Basilea en 1901” (pagina da oit). [...] “La fuerza que impulsó la creación de la OIT fue provocada por consideraciones sobre seguridad, humanitarias, políticas y económicas. Al sintetizarlas, el Preámbulo de la Constitución de la OIT dice que las Altas Partes Contratantes estaban “movidas por sentimientos de justicia y humanidad así como por el deseo de asegurar la paz permanente en el mundo...”. Nesse sentido e movida por ideários universais de igualdade e justiça social, a OIT já conta com quase um século de atuação em todas as regiões do mundo, tendo sua estrutura de funcionamento dividida entre órgãos como a conferência internacional do trabalho, o conselho de administração e oficina, que contam com representantes do governo, empregadores e trabalhadores, sempre fomentando o diálogo entre os mais diversos seguimentos em prol da justiça social e econômica:

La OIT fomenta el tripartismo dentro de sus mandantes y Estados miembros, al promover el diálogo social entre las organizaciones sindicales y de empleadores en la formulación – y cuando es pertinente – en la aplicación de las políticas nacionales en el ámbito social y económico, así como respecto a muchas otras cuestiones (OIT, 2002).

No tocante as Cooperativas de trabalho, a OIT desenvolve ações no sentido de contribuir com o desenvolvimento econômico de vários desses empreendimentos em suas regiões de atuação. No sistema ONU, é responsabilidade da OIT promover projetos de promoção de cooperativas de forma ampla e diversificada. O programa da OIT que visa o desenvolvimento destes empreendimentos tem como missão oferecer apoio técnico sobre combate a pobreza e capacitação de recursos humanos, por exemplo. E no ano de 2002, a OIT, objetivando padronizar as normas e o entendimento a cerca das cooperativas em âmbito internacional, publicou a “Recomendação 193 da OIT sobre a promoção das cooperativas”, que serve como um instrumento base para governos e sociedade civil no tocante ao apoio e fomento desses importantes instrumentos de promoção de empregos em todo mundo.

Reconhecendo a importância das cooperativas para a criação de empregos, a mobilização de recursos e o estímulo ao investimento, bem como a sua contribuição para a economia; Reconhecendo que as cooperativas, nas suas diferentes formas, promovem a mais completa participação de toda a população no desenvolvimento econômico e social. (Recomendação nº 193 da OIT, 2002, p.3).

Dessa forma, a OIT segue com um importante apoio formal e também ativo junto não só as Cooperativas formalizadas, mas também as em processo de formalização, incentivando sua criação e reconhecendo o seu papel na luta pelo trabalho digno e decente.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 O interesse pelo tema da pesquisa

O interesse em pesquisar a Cooperativa El Ceibo surgiu antes da vivência universitária, quando durante uma temporada na capital argentina no ano de 2011, me inteirei, através de jornais locais e também no convívio com alguns amigos argentinos; sobre a situação laboral do país e especialmente dos trabalhadores das ruas, os *cartoneros*. Sempre os percebia aos montes, especialmente à noite, arrastando os seus carrinhos. Famílias inteiras que recorriam às longas avenidas bonaerenses, abrindo sacolas de lixo, na esperança de arrecadarem material suficiente para a venda e conseguinte sobrevivência de todos os seus membros.

Los cartoneros forman parte de la vida diaria en las calles de Buenos Aires. En la capital se concentra la mayor cantidad de ellos. El número de cartoneros aumentó especialmente después de la fuerte crisis económica en el año 2001. Esta crisis cambió totalmente la vida del pueblo argentino. Mucha gente se quedó sin trabajo y cayó en la pobreza. En consecuencia, muchas familias en todo el país comenzaron a cartonear para sobrevivir. (Revista Planet Schule, 2002)

Já na universidade, tive a oportunidade de me envolver com alguns desses grupos de trabalhadores que são acompanhados por projetos de extensão do Campus V da UEPB, e me vi, assim, instigada a seguir adiante com a minha curiosidade e interesse por esse objeto de estudo. Ao longo dos quatro anos de graduação, pude me inteirar da sua dinâmica laboral, social, e especialmente organizativa, por meio das associações de catadores “CATAJAMPA” do bairro do Roger, e outras em processo de formação nas comunidades do Timbó no bairro dos Bancários, no bairro de Mangabeira e na comunidade do Vale das Palmeiras, Cristo; todos acompanhados pelo projeto de extensão: “Mobilização, sensibilização e inclusão de catadores/as de João Pessoa: uma experiência necessária”, da UEPB em parceria com o Governo Federal. Como estudante de Relações Internacionais, senti a necessidade de, por já conhecer de certo modo a realidade pessoense desses seguimento laboral, me aprofundar na então, sutilmente observada, realidade

argentina (ou mais especificamente, bonaerense). Por se tratar de um tema relativamente novo no meio acadêmico das RI – ainda que bastante relevante do ponto de vista latino-americano, uma problemática enraizada no nosso contexto regional (VILLANOVA, 2014) – decidimos, eu, Carolina Clemens aluna da UEPB, Bruna Antonella Metran, então aluna da Universidade Anhembi Morumbi em São Paulo e a nossa orientadora professora Jacqueline Echeverria Barrancos, por meio de uma pesquisa de campo financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq; pesquisar a Cooperativa El Ceibo: origem, dinâmica de funcionamento, atuação social, perfil social e outras 29 variáveis, respondidas por 40 integrantes da Cooperativa e que constam nos resultados finais da pesquisa. Aqui, será apresentado apenas um recorte da pesquisa, dada a extensa informação coletada e o espaço limitado de exposição. Nos ateremos especificamente ao surgimento da cooperativa, dinâmica de funcionamento, responsabilidade socioambiental e as variáveis: Sexo X Estado Civil, Sexo X Constituição Familiar, Valor da Renda, Faixa Etária, Sexo X Outras de Renda, Uso de Drogas e Tempo de Trabalho como Cartonero e Escolaridade que na nossa avaliação, representam a base do perfil social desses trabalhadores.

3.2 Tipo de pesquisa, amostragem, instrumento de coleta de dados

Adotamos para a realização de nossa pesquisa as abordagens *quantitativa e qualitativa*, com a pesquisa exploratória, descritiva e de campo, em cumprimento a metodologia proposta no projeto de Pibic. Foram realizadas duas etapas principais para este estudo. A primeira, no Brasil, constou de revisão bibliográfica por meio de variadas fontes como artigos científicos, publicações de revistas e nos próprios endereços eletrônicos da Cooperativa (um blog e uma página no facebook). Na segunda etapa da pesquisa, na cidade de Buenos Aires, Argentina, realizamos: 10 (dez) visitas junto a sede da cooperativa, no bairro de Palermo e 2 (duas) visitas ao galpão, localizado no bairro de Villa Crespo. A nossa amostra constou de 40 cooperados em um universo que varia de 200 a 300. Para identificar o perfil social dos cooperados, foi aplicado questionário *in loco* na Cooperativa.

3.3 Caracterização do campo de pesquisa

A Argentina, oficialmente *República Argentina* é o segundo maior país da América do Sul e o 8º maior país do mundo em termos territoriais. Conta com uma população de aproximadamente

41 281 631 de habitantes (Fonte: Indec 2012) distribuídos em 23 províncias mais a cidade Autônoma de Buenos Aires. Tendo como língua oficial o idioma Espanhol, herança da colonização Espanhola na região, o país, faz fronteira ao norte com Paraguai, Bolívia e Brasil, ao Nordeste com Uruguai e ao Sul com o Chile. Segunda maior economia da região, detém forte influência econômica no continente, fazendo parte do bloco econômico MERCOSUL sendo um dos seus membros fundadores juntamente com o Brasil, Paraguai e Uruguai pelo Tratado de Assunção de 1991 e também da UNASUL, juntamente com Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Guiana, Paraguai, Peru, Suriname, Uruguai e Venezuela.

A história recente da Argentina é marcada por uma série de crises que perpassam pelo social até sua economia. O país atravessou um turbulento período de ditaduras militares no século XX, tendo sofrido seis golpes entre os anos de: 1930, 1943, 1955, 1962, 1966 e 1976, tendo sido esta última, considerada a mais sanguinária das ditaduras instauradas na América do Sul, com um número estimado de 30 mil civis assassinados, além de 10 mil desaparecidos.

A pobreza também aumentou consideravelmente no período, disparando de 5% para 28% no governo Videla (1976) além da elevação dos índices de inflação beirando a 343% anualmente no mesmo período (fonte: Indec). Nos anos 90, com a abertura econômica e a internacionalização do capital; sob o governo de Carlos Menem o país adotou medidas visando à estabilização monetária no intuito de conter a sua hiperinflação. Porém, no mandato de Carlos de La Rúa, que o sucedeu, a fracassada tentativa de estabilidade do governo anterior falhou e a Argentina entrou em um turbulento período de insegurança política e econômica, voltando a registrar altos índices de desemprego, além da inflação.

A crise Argentina de 2001 resvala até os dias de hoje, tendo como uma de suas principais consequências, o crescimento do setor informal de trabalho no país. Estima-se hoje, que a quantidade de trabalhadores não registrados, chega a quase 45% da mão de obra assalariada (OIT 2014). A Cidade autônoma de Buenos Aires ou CABA é a capital federal, econômica e administrativa do país, com um contingente de 15.625.084 de habitantes, que representa 38,9% da população total do país (Indec, 2011).

A cooperativa, objeto de investigação da pesquisa de pibic intitulada “Precarização do trabalho: Um Estudo na Cooperativa de Catadores El Ceibo/Argentina” e da qual parte dos resultados obtidos durante a pesquisa resultou neste Trabalho de Conclusão de Curso, encontra-se localizado na capital federal do país, Buenos Aires.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO DO TEMA

A Cooperativa El Ceibo ⁵ é uma cooperativa de reciclagem formada por famílias de catadores (em espanhol, *cartoneros*) e ex-desempregados da cidade de Buenos Aires, Argentina. Surgida no ano de 1989, por iniciativa de Cristina Lescano, Maria Julia Martin e mais 06 mulheres; tinha como objetivo principal com a criação e oficialização do negócio da Cooperativa; aumentar o valor agregado do material coletado através da venda coletiva, uma vez que, segundo Cristina, as mulheres haviam percebido que vendendo o material de forma conjunta, o lucro gerado seria maior. A atividade da catação no país (em espanhol *cartoneo*) sempre foi comum, sabida e reconhecida como um relevante problema urbano. Esta atividade teve a sua maior expansão na chamada crise econômica de 2001, onde centenas de trabalhadores perderam os seus postos de trabalho e tiveram de recorrer a essa atividade que se apresentara como a única fonte de renda possível para aquelas pessoas: “los recolectores informales de residuos han existido en todos los períodos y su práctica está lejos de ser una novedosa estrategia de supervivencia que los pobres y desempleados urbanos argentinos aprendieron luego de la crisis de los años 2001 y 2002” (SCHAMBER, 2009).

O pior momento para estas mulheres, contudo, foi a crise econômica do governo de Raúl Alfonsín (1983/1989) – fomentada em gestões militares anteriores. Segundo narrativa de Cristina, muitas famílias caíram na miséria nesse período e passaram a *cartonear* (catar, em espanhol) pelas ruas da cidade, em busca de material para a venda. Um fato curioso destacado por ela, é que boa parte dos que caíram nessa prática eram mulheres – chefes de família, como ela e as outras, que estavam dispostas a qualquer situação, por mais vexatória ou humilhante que fosse, apenas para não verem os seus filhos sentirem fome.

En 1983 el liderazgo de Alfonsín encuentra un serio obstáculo. El primero de ellos consiste en la gravedad de la situación socio-económica, singularizada por la pauperización de la estructura estatal, el derrumbe del poder adquisitivo, elevados niveles de desempleo y subempleo y la presión de una deuda externa orientada hacia la especulación financiera (RIUS, p.160, 2013).

Neste período, como nos conta, tudo era muito difícil. O lugar em que armazenavam o material era ilegal (uma casa invadida), o lucro era mínimo já que ainda não vendiam de forma integrada, e, soma-se a isso o fato das negociações de venda com os compradores do material serem

⁵ O nome da cooperativa é uma homenagem à flor nacional argentina, a flor de Ceibo.

feitas por elas – por mulheres – o que não era algo comum na época. “*Quando ia vender meu material, sempre um comprador perguntava com quem iria negociar a venda. Ficavam espantados quando eu dizia que era comigo*”. (Cristina Lescano, presidente). Também ocorria a essas mulheres serem abordadas ou mesmo levadas presa pela polícia, sob a alegação de que, pela lei, o lixo pertencia ao Governo municipal. Essa, segundo ela, era uma prática comum, que embora tivesse uma desculpa oficial, tinha o intuito, na verdade, de debelar esses e outros grupos de *cartoneros* que eram vistos com maus olhos pelo poder público, além de serem discriminados pela sociedade em geral.

Foi então, cansadas das constantes humilhações e agressões pelas quais passavam diariamente, que, juntamente com a Igreja Católica local, algumas Universidades e representantes da sociedade civil, a luta dessas mulheres tomou corpo e resultou na criação do projeto sócio-ambiental: “El Ceibo recupera Palermo” que tinha como objetivo, sensibilizar os vizinhos do bairro de Palermo, um dos mais nobres da cidade, a separar o material gerado em casa por eles e entregar-lhes em mãos. Para facilitar a identificação pelos vizinhos, eles usavam faixas em suas roupas nas cores verde e roxo, hoje as cores do emblema da cooperativa. Assim começava o projeto pioneiro de educação ambiental da Cooperativa, que seria o seu grande carro chefe, principal divulgador do trabalho desta empresa social.

E no ano de 2004, por meio de um pleito feito por Cristina e Maria Julia ao então presidente Argentino Néstor Kirchner (2003 - 2007), a cooperativa finalmente conseguiu o seu galpão:

Resulta que un día nos invitaron a un evento en el Salón Dorado de la Casa Rosada. Entonces, aprovechamos y escribimos una carta donde contábamos nuestras necesidades y se la pusimos en el bolsillo del saco a (Néstor) Kirchner. Veinte días más tarde nos llamaron del Gobierno para pedir el proyecto y los estatutos de la cooperativa. Dijeron: “tenemos esto”. Lo único que tenía el galpón era el techo. Ni luz, ni agua. Nos entregaron los papeles correspondientes y nunca pidieron algo a cambio. Ni siquiera ir a una marcha. Se portaron muy bien con nosotros” (Cristina entrevista rev. Consejo, 2005).



Foto 1: Placa de entrada da Cooperativa. Fonte: Arquivo PIBIC 2014/2015



Foto 2: Fachada da sede da Cooperativa em Palermo. Maria Julia fundadora (esquerda) e cooperados (direita) Fonte: arquivo PIBIC 2014/2015.

Mas nessa trajetória de luta e conquistas, um duro golpe quase obrigou a Cooperativa a fechar as portas, abalando os seus planos e projetos de expansão. No ano de 2006, a El Ceibo sofreu um “atentado proposital”, como acreditam. Um incêndio nas dependências do galpão – recém ganho e ainda precário em estrutura – destruiu o material segregado e comprometeu parte da sua estrutura física. Acredita-se que o incidente tenha sido provocado por pessoas que estariam incomodadas com o progresso da Cooperativa. Mas, o que aparentemente parecia ser o fim, foi na

verdade, um grande estímulo: *“No perdimos tiempo averiguando quién lo hizo. Hubo miles de conjeturas, pero una sola respuesta: seguimos trabajando”*. (Cristina Lescano, Presidente). E com essa determinação, a El Ceibo segue mantendo suas atividades até os dias de hoje.

Apoiada por entidades da sociedade civil como a ong FARN, o Greenpeace, a Universidade de Buenos Aires e o Governo da prefeitura da cidade; a El Ceibo se consolidou como referência em coleta e recuperação de resíduos sólidos urbanos, juntamente com mais 11 cooperativas que atuam na CABA em parceria com o serviço público de limpeza urbana da cidade. No caso da cooperativa em particular, a prefeitura disponibiliza dois motoristas para dirigir os seus caminhões, com os valores totalmente custeados por ela. E recentemente, com a intenção de aumentar o valor agregado dos materiais comercializados bem como a sua oferta no mercado, a El Ceibo conveniou-se com a cooperativa “Padilla” da localidade Fuerte Apache, região metropolitana da cidade; para processar em grande quantidade materiais como plástico e exportá-los diretamente as fábricas compradoras e até para países como a China, por exemplo. Estimase que por semana a cooperativa vende o montante de 20 mil kilos de material, que é reinserido na cadeia produtiva, evitando que mais matéria prima venha à ser utilizada, diminuindo o impacto ao meio ambiente.

A cooperativa hoje mantém uma média de 200 a 300 cooperados que trabalham nos mais diversos setores dentro da empresa (gestão administrativa, manipulação dos resíduos, educação ambiental, etc) e que recebem férias remuneradas, além de terem pago o equivalente a previdência do país, graças ao caixa positivo da cooperativa.

4.1 Dinâmica e funcionamento

O processo de funcionamento da cooperativa de catadores El Ceibo, passa essencialmente pelos hoje em média 200 a 300 cooperados que integram suas atividades de coleta, classificação, venda dos resíduos e educação ambiental. Suas atividades de recuperação e triagem se dão em um galpão que detém aproximadamente 1.500 m² e conta com uma estrutura formada por balanças – para pesar o material – prensas e esteiras para sua compactação e conseguinte segregação. Na cooperativa, cada cooperado detém função específica. Todos os dias eles são organizados por dois grupos. O primeiro começa as 08:00 da manhã dentro do galpão, separando o material por tipo e recebendo doações. Parte do material separado vai para a segregação e o outro, já pronto, é

destinado a venda. O segundo grupo sai a rua às 09:00 da manhã, do outro ponto da Cooperativa, lugar ao qual eles chamam de “Sede”.

Localizado no bairro de Palermo, esse grupo sai da Sede percorrendo de porta em porta as casas e edifícios coletando o material doado por seus moradores (que se utilizam de meios como telefone e email para contatá-los e fazer sua entrega). Estes são chamados “promotores ambientais”, que se apresentam as casas e edifícios, devidamente identificados pelo fardamento da cooperativa. Estima-se que a El Ceibo já trabalhe com 30% das casas de Palermo. Com a repercussão que tomou à cooperativa, parte do material que é doado vem das multinacionais da cidade e de outros parceiros que escolheram a empresa para ser a sua beneficiária. Mas o grosso do material coletado, continua sendo proveniente das famílias e comerciantes do bairro. Pelo fato da empresa demandar funções específicas, os cooperados recebem de acordo com o desempenhar de suas funções.

A cooperativa também conta com técnicos que a auxiliam nas questões mais burocráticas, financeiras e jurídicas, como contadores e advogados. Todos pagos com o caixa da cooperativa. Os trabalhadores também dispõem de horário de descanso, especialmente os do galpão, uma vez que a sua jornada de trabalho é maior e mais exaustiva. Há um refeitório de uso comum, porém inexistente local para que possam dormir ou descansar em seu intervalo de turno.

Durante as nossas visitas ao galpão, percebemos que ali, diferentemente da Sede, os turnos de trabalho são feitos por gênero, frequentemente se revezando entre um período e outro do dia. Quando as mulheres pegam pela manhã, os homens as sucedem no final da noite. Quando questionada sobre isso, a Presidente alegou que essa dinâmica de trabalho era estratégica e objetivava evitar assédio por parte dos homens as mulheres e também melhorar a produtividade na Cooperativa.



Foto 3: Cooperados separando material na esteira, turno masculino. Fonte: arquivo PIBIC 2014/2015

4.2 Inclusão e responsabilidade sócioambiental

A Cooperativa El Ceibo, ao longo dos seus quase 30 anos de existência, consolidou-se como uma das principais cooperativas de reciclagem da cidade, empregando uma média de 200 a 300 cooperados que trabalham nos diversos seguimentos do empreendimento. Porém, mas do que um posto de trabalho, a cooperativa desenvolve conjuntamente a diversas entidades locais ou não, um importante papel de inclusão e responsabilidade sócio-ambiental. O trabalho de educação ambiental que é realizado junto aos vizinhos do bairro de Palermo foi totalmente desenvolvido pela El Ceibo. A visitação as casas, a orientação sobre como e o quê separar para a doação, o material instrutivo que é distribuído: tudo foi pensado e criado por estes trabalhadores. Em entrevista, Cristina Lescano nos contou que hoje a tecnologia da educação ambiental desenvolvida pelos cooperados é amplamente requisitada por diversas instituições da cidade. Universidades, escolas, empresas privadas, repartições públicas: o trabalho da cooperativa é reconhecido como fundamental para o melhor entendimento sobre a manipulação e destinação deste que é um dos principais problemas ambientais urbanos do século XXI: o lixo.

Em 2004, juntamente a organização não governamental Greenpeace e algumas outras entidades do setor público e privado, a cooperativa El Ceibo apresentou ao governo de Buenos

Aires o projeto de lei de nº 1.854 intitulado *Basura Cero*⁶ que tem por principal objetivo regulamentar e definir os critérios da gestão dos resíduos gerados na cidade, objetivando a sua gradual redução e conseqüente enterramento em detrimento do beneficiamento das indústrias e empreendimentos da reciclagem, e também a redução da geração de resíduos. A lei foi aprovada em 2005, após um ano de discussão e modificação do projeto original.

Fue así como en septiembre de 2004, varios legisladores, con apoyo de Greenpeace, la cooperativa El Ceibo y otros representantes del sector no gubernamental, presentaron un proyecto de ley de Basura Cero, titulado Ley de gestión integral de residuos sólidos urbanos. [...] “Basura Cero” permite compatibilizar virtuosamente economía, trabajo y limpieza ya que ofrece una solución para la crisis en la que se encuentran los rellenos sanitarios, que se agotan y son muy resistidos por los vecinos; genera una actividad económica que demanda una importante mano de obra y crea un circuito de materiales y energía eficiente y ambientalmente sustentable. (pagina greenpeace argentina).

Outra instituição não governamental parceira da cooperativa é a FARN - Fundación Ambiente y Recursos Naturales, que atua na cidade, promovendo o desenvolvimento sustentável por meio da politização, organização e instrução da sociedade civil. A FARN atua conjuntamente a El Ceibo na confecção de materiais gráficos e catálogos educativos que são distribuídos frequentemente nas ações educativas e palestras ministradas pela equipe da cooperativa em escolas, universidades, e demais instituições que a solicitam. A FARN e a El Ceibo foram parceiras também no projeto ABC – “Para la revalorización de los residuos sólidos urbanos”: que consiste numa cartilha introdutória a cerca da *Lei Basura Cero*: o marco legal, a sua importância para a comunidade como um todo, além de instruir sobre a correta separação e destinação dos resíduos sólidos urbanos. O projeto foi uma parceria das duas instituições, apoiadas pela embaixada Suíça na Argentina e pela empresa Tetra Pak.

Um ponto também importante do trabalho sócio-ambiental promovido pela cooperativa diz respeito a inclusão e reinserção de pessoas com histórico de pendências com a sociedade. No staff da cooperativa constam desde ex-presidiários a ex-dependentes químicos. Pessoas que dificilmente teriam uma oportunidade de reinserção laboral no mercado de trabalho, não fosse a iniciativa da cooperativa El Ceibo em recebe-los, com o devido apoio e acompanhamento dentro do possível. Dos 40 cooperados entrevistados na nossa pesquisa direta mediante questionário; na sede do

⁶ Conceito desenvolvido por ativistas ambientais Filipinos nos anos 80 e popularizado na Austrália, Nova Zelândia e Estados Unidos nos anos 90 (referenciar fonte greenpeace).

empreendimento em Palermo e no galpão da cooperativa , 7 cooperados admitiram serem ex-dependentes químicos.



Foto 4: A esquerda (parte de cima) Bruna Antonella Metran, no centro Mariana Barreto e a direita Maria Julia (fundadora). Segurando o cartaz na ponta esquerda Cristina Lescano (presidente) e na ponta direita uma cooperada. Fonte: arquivo PIBIC 2014/2015

4.3 Perfil socioeconômico dos Cooperados:

Os resultados a seguir, fazem parte da pesquisa quantitativa aplicada aos cooperados em visitação aos espaços em que funcionam a cooperativa em Buenos Aires. Dentre as variáveis elencadas em questionário aplicado a 40 deles, apresentam-se aqui as 8 seguintes: Sexo x Estado Civil, Faixa Etária, Renda, Sexo X Outras Rendas, Uso de Drogas, Tempo de Trabalho como Cartonero e Escolaridade. Foram escolhidas essas oito (08) especificamente, por descreverem a base do perfil sócio econômico desses trabalhadores.

TABELA 1: Sexo X Estado Civil

Sexo	Estado Civil			Total
	Solteiros	Casados (F)	Outro (%)	
Masculino	12	20	-	-

Feminino	5	3	-	-
Total	17	23	-	40
Total Geral (%)	42,5	57,5	-	100%

Fonte : Pesquisa direta, PIBIC 2014/2015

Quanto a variável sexo desse público, na pesquisa constatou-se que a maioria é do sexo masculino, ou seja, 80% dos que responderam são homens e apenas 20%, são do sexo feminino. Verifica-se que a proporção é de 1 mulher para cada 4 homens trabalhando na cooperativa, sendo importante ressaltar que, duas das oito mulheres entrevistadas (20%) trabalham somente na administração. Ainda na Tabela 1, tem-se que o Estado Civil dos dois sexos (masculino e feminino) na sua grande maioria é casado, com um percentual de 57,5% e solteiros representam 42,5% dos membros da cooperativa.

TABELA 2: Faixa Etária

Idade	Frequência Absoluta f(a)
15 - 20	3
21 - 25	6
26 - 30	6
31 - 35	8
36 - 40	8
41 - 45	3
46 - 50	4
51 - 60	0
61 - 65	1
66 - 70	1
	40

Fonte: Pesquisa direta, PIBIC 20014/2015

De acordo com a tabela nº 2, a frequência maior da idade dos cooperados está entre a faixa etária que vai de 31 – 35 e 36 – 40 anos respectivamente, tomando por base a amostra de 40 entrevistados. Não foi avaliado se esse índice incide mais na sede da cooperativa ou no galpão.

TABELA 3: Renda

Renda (em pesos)	Sede	%	Galpão	%
4500 – 5000	12	54,54	9	50
5000 – 5500	1	4,54	4	22,22

6000 – 6500	2	9,09	0	0
6500 – 7000	3	13,63	1	5,55
7500 – 8000	1	4,54	0	0
8500 – 9000	2	9,09	0	0
9000 - 10.000	1	4,54	0	0
Mais de 10.000	1	4,54	1	5,55

Fonte : Pesquisa direta, PIBIC 2014/ 2015

Como identificamos pela tabela, a renda dos cooperados que trabalham na sede da cooperativa em Palermo (54,54% do total, 12 cooperados) gira em torno de 4.500 pesos (renda mínima) a mais de 10.000 pesos (renda máxima), com uma carga-horária de meio expediente (6 horas). Os que trabalham no galpão ganham o mesmo valor (9 cooperados) : 4500 a 5000 pesos (mínimo) e 10.000 (máximo) com uma carga horária maior (até 8 horas).

TABELA 4: Sexo X Constituição Familiar

Sexo	Com Filhos		
	Com Filhos	Sem Filhos	Total
Masculino	19	2	21
Feminino	06	13	19
Total	25	15	40
Total Geral (%)	62,5%	37,5%	100%

Fonte: Pesquisa direta, PIBIC 2014/2015

De acordo com a tabela 4, em termos percentuais, a maioria dos cooperados entrevistados (62%) tem filhos. 37% deles afirmaram não terem filhos. Os homens lideram o percentual dos que tem mais filhos.

TABELA 5: Sexo X Outras de Renda

Sexo	Outras Rendas		Total
	Sim	Não	
Masculino	25	7	32
Feminino	5	3	8
Total	30	10	40
Total Geral (%)	75%	25%	100%

Fonte: Pesquisa direta, 2015

De acordo com a tabela 5, 75% dos entrevistados (30) da amostra afirmaram possuírem rendas alternativas de trabalho, além da Cooperativa (25 homens e 5 mulheres). Esse índice incide mais nos homens. Esse é um dado interessante, que nos mostra que o valor auferido na Cooperativa não é suficiente para prover as despesas dos seus Cooperados, obrigando-os assim a buscarem outras alternativas complementares de renda.

TABELA 6: Uso de Drogas

	Usuário	Ex-dependente	Nunca utilizou
Sede	0	1	21
Galpão	0	6	11

Fonte : Pesquisa direta, 2015

De acordo com a tabela 6, dos 40 entrevistados, nenhum (0%) informou ser usuário de drogas, tanto dos que trabalham na Sede quanto os que trabalham no galpão. Com relação a dependência, 7 entrevistados afirmara serem ex dependentes: 1 da sede e 6 do galpão.

TABELA 7: Tempo de Trabalho como Cartonero

Meses	Nº de trabalhadores
0 a 1	2
1 a 3	4
3 a 6	1
6 a 12	3
12 a 18	5

18 a 24	2
24 ou mais	23
Total	40

Fonte : Pesquisa direta, 2015

A tabela 7 diz respeito ao tempo de trabalho como *cartonero* dos Cooperados, de quando eles ainda trabalhavam coletando nas ruas. A maior incidência de tempo foi de mais de 24 meses, totalizando 2 anos de trabalho (23 cooperados).

TABELA 8: Nível de escolaridade

Ensino	Quantidade (Cooperados)
Superior Incompleto	03
Médio	19
Fundamental	18
Nenhuma escolaridade	0
Total	40
Total Geral	100%

Fonte: Pesquisa direta, 2015

A tabela número 8 apresenta o nível de escolaridade dos cooperados. Percebe-se que 100% deles (40) detém algum nível de escolaridade. Esse é um dado importante, pois pode-se concluir, ainda que por meio de uma amostra reduzida, que o nível educacional dessas pessoas é bastante alto, em comparação aos trabalhadores da mesma área de outros países da América latina ou mesmo do Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quem viveu na metade do século XX, ao olhar para o mundo do final dos anos 90, deve ter se espantado com tamanhas as mudanças ocorridas em pouco menos de cinco décadas. E para os contemporâneos dos dias atuais, comparar o mundo de cinco décadas atrás com o de agora, é ter a falsa impressão de que se passaram muito mais que apenas alguns anos. Como conciliar a globalização e a interdependência com crescimento social e econômico saudável, a garantia de direitos e proteção ao trabalhador? A proliferação e ressurgimento com mais destaque de concepções alternativas de trabalho, como o cooperativismo, seria uma decorrência saudável do sistema ou mais uma forma de alienação e precarização do trabalhador e da sua mão de obra? Embora questionamentos não sejam adequados aqui, é interessante refletirmos nesses pontos, pois ainda que a cooperativa pesquisada seja, de certa forma, um exemplo bem sucedido de “Cooperativa moderna” – se é que podemos assim dizer – ela ainda não é uma regra, mas uma exceção do sistema e não pode ser vista ou tida como referência de realidade.

A trajetória da Cooperativa El Ceibo nos dá conta que alternativas laborais podem surgir – ou nesse caso, ressurgir – perante os desdobramentos negativos do modelo econômico existente, mas ela – como algumas outras existentes na cidade de Buenos Aires – são fruto mais de um esforço civil individual de superação de dificuldades, que de uma política efetiva de governo objetivando a minimização dos efeitos colaterais da globalização e interdependência. Cooperativas no geral são sim iniciativas civis, mas podem – e devem- contar com o apoio do poder público para um melhor desempenho de suas funções e minimização dos seus invariáveis desafios. A sensibilidade a que foram expostos os países da AL – aqui destacada pelo país Argentina – as mudanças ocorridas na ordem vigente internacional, afetou negativamente a sua dinâmica interna, especialmente sua economia mercado de trabalho. Sendo assim, em se tratando dessas questões – próprias da interdependência – não há muito o que especular com base em certezas ou garantias, apenas supor, que uma vez que há comprometimento e vontade – de ambas as partes: iniciativa privada/civil e pública – as coisas podem se encaminhar e tornarem-se reais.

Aprofundar-se no contexto do Cooperativismo do ramo da reciclagem de materiais na Argentina utilizando o exemplo da Cooperativa El Ceibo, é ter a noção com base em um experimento real analisado, de como o SI funciona, seus desdobramentos, consequências e de como até mesmo as situações ou contextos aparentemente menos relevantes, podem ter origens em grandes acontecimentos externos. Cabe ao internacionalista a competência e capacidade de saber analisar e estudar o mundo sob as mais diversas perspectivas de enfoque e utilizando os mais variados objetos e temáticas de pesquisa. E isto não apenas para ampliar a sua visão, mas também para introduzir no meio outros temas, aprofundando e enriquecendo o debate.

A fórmula do sucesso da cooperativa deve-se aos seguintes fatores: perseverança no objetivo traçado, bom nível organizacional, clara distribuição de funções, gestão firme e apoio da comunidade local e do poder público municipal e federal. Por meio desses fatores, foi possível que a Cooperativa El Ceibo se tornasse uma empresa social bem consolidada, com um importante trabalho sócio educativo, disseminando práticas positivas e sustentáveis de gestão e reaproveitamento de resíduos e reinserindo no mercado formal indivíduos que se encontravam até então, marginalizados e com pouca ou nenhuma perspectiva de reinserção social.

Em relação a Cooperativa, sob um ângulo mais técnico de análise, pudemos perceber ao longo da pesquisa, principalmente nas visitas realizadas no galpão, que os cooperados apresentam alguma resistência no que concerne a utilização de equipamentos de proteção, os chamados EPI's. Isso é um agravante do ponto de vista laboral, pois potencializa a precarização do trabalho e a chance de acidentes, com um agravante que se trata da manipulação de resíduos potencialmente cortantes, perfurantes e com alto grau de contaminação. Questionada sobre isso, a presidente da cooperativa nos informou que eles recebem um tempo de adaptação ao trabalho e ao espaço, podendo inicialmente alternar a utilização obrigatória dos equipamentos de proteção.

Quanto ao espaço onde os cooperados realizam as suas funções, pudemos perceber que embora este seja relativamente salubre e contar com uma infra-estrutura que dá aos trabalhadores o mínimo de capacidade para realizarem suas funções com dignidade (existência de prensa e esteira para a separação do material, espaço próprio para o armazenamento dos resíduos, refeitório para os trabalhadores, banheiros separados), espaços de convivência e de descanso praticamente inexistem. Em se tratando de um local de trabalho com funções repetitivas, a existência de locais de convivência nos intervalos é primordial para conservar tanto a saúde mental quanto física dos trabalhadores. Outro fator relatado pelos cooperados e enfatizado pela presidenta da Cooperativa seria o alto grau de impostos pagos por eles. Segundo nos informaram, a lei Argentina para Cooperativas não diferencia os tipos existentes de empreendimento que se enquadram nessa categoria. Isso faz com que todas venham a pagar as mesmas taxas, ainda que detenham ganhos por vezes completamente desproporcionais entre si. Esse fato, segundo eles, prejudica não apenas o desenvolvimento e crescimento do negócio, mas também reflete no valor dos salários recebidos por eles.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Política**. Brasília: UnB, 1985.

ANDERSON, Perry. *Passagens da Antiguidade ao Feudalismo: O Modo de Produção Feudal*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

ANTUNES, Reinaldo. **Os sentidos do trabalho. Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2002.

ANTUNES, Reinaldo. **SÉCULO XXI: Nova era da precarização estrutural do trabalho? Seminário Nacional de Saúde Mental e Trabalho** - São Paulo, 2008. Disponível em : <http://www.fundacentro.gov.br/Arquivos/sis/EventoPortal/AnexoPalestraEvento/Mesa%201%20-%20Ricardo%20Antunes%20texto.pdf>. Último acesso em: 21 de outubro de 2016.

ANTUNES, Ricardo. **Século XXI: Nova era da precarização estrutural do trabalho?** 2004. Disponível em: <http://www.fundacentro.gov.br/Arquivos/sis/EventoPortal/AnexoPalestraEvento/Mesa%201%20-%20Ricardo%20Antunes%20texto.pdf>. Último acesso: 20 de agosto. 2015.

Argentina: **Da Crise ao Sucesso**. Global Research. Disponível em: <<http://www.globalresearch.ca/argentina-da-crise-ao-sucesso/28130>> Último acesso em: 16 maio de 2015.

BATISTA, Paulo Nogueira. **Argentina: uma crise paradigmática**. *Estud. av.* vol.16 no.44 São Paulo Jan./Apr. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142002000100006> Último acesso em: 16 maio.2015

BUTTERS, Roger B. **Teaching the benefits of capitalism**. College of Business Administration, University of Nebraska – Lincoln, 2003.

CHESNAIS, F. **O capital produtor de juros: acumulação, internacionalização, efeitos econômicos e políticos**. In: _____. *A finança mundializada*. São Paulo: Boitempo, 2005.

Cooperativa **El Ceibo, reciclaje para la inclusión**. Disponível em: <http://www.revistacabal.coop/cooperativa-el-ceibo-reciclaje-para-la-inclusion> Último acesso em: 11 agosto de 2016.

CERVO, Amado Luiz. **Sob o signo neoliberal: as relações internacionais da América Latina**. *Revista Brasileira de Política Internacional*, Brasília, v. 43, n. 2, p. 5-27, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbpi/v43n2/v43n2a01.pdf>>. Último acesso em: 20/10/2014.

CERIMEDO, Federico. **Duración del Desempleo y Ciclo Económico en la Argentina**. Depeco, documento de trabajo n° 53. 2004. Disponível em: <http://www.depeco.econo.unlp.edu.ar/doctrab/doc53.pdf> . Último acesso em: 19 de outubro de 2016.

CHIAVENATO Idalberto. **Os objetivos da gestão de pessoas**. Elsevier, Rio de Janeiro,

DAMILL, Mario; FRENKEL, Roberto. Revista da Cepal: Mercado de trabajo argentino en la globalización financiera. Abril de 2006.

DÁVALOS, José. **El hombre y el trabajo**. Seminário Internacional de Derecho del trabajo. Brasil, 1983.

DICKENS, Charles. **Hard Times**. Ed Bradbury and Evans, London, 1854.

DRUCK, Graça. **Flexibilização e precarização: formas contemporâneas de dominação do trabalho**. Caderno CRH Salvador, n. 37, p. 11-22, jul./dez, 2002

DOBB, Maurice. **Estudios sobre el desarrollo del capitalismo**. Ed español, siglo Argentina editores , S.A , Viamonte 1536, piso 1º - Buenos Aires, 1971.

FRANCO, Flavio Amorin, CAVALCANTE, Sylvia. **Profissão perigo: percepção de risco à saúde entre os catadores do Lixão do Jangurussu**. Rev. Mal-Estar Subj. v.7 n.1 Fortaleza mar. 2007. Disponível em: < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482007000100012> Último acesso em: 09 maio.2015

FRIEDMANN, G. **O trabalho em migalhas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

GREEPEACE ARGENTINA. **Basura Cero**. Disponível em: <http://www.greenpeace.org/argentina/es/campanas/contaminacion/basura-cero>. Último acesso em: 15 de outubro de 2016.

HIRATA, Helena; PRÊTECEILLE, Edmond. **Trabalho, exclusão e precarização socioeconômica: o debate das ciências sociais na França**. Caderno CRH, Salvador, n. 37, p. 47-80, jul./dez. 2002

HOBBSAWN, Eric. **La era de la revolución: 1789 – 1848**. 6ª Edição. 1º reimpresion. Buenos Aires: Crítica , 2009.

INDEC, **Instituto Nacional de Estadísticas y Censos**. Disponível em: <http://www.indec.gob.ar>. Último acesso em: 18 de outubro de 2016.

KLAES, L.S. **Cooperativismo e ensino a distancia**. Florianópolis/SC. 2005. (Tese de Doutorado em Engenharia de Produção) UFSC.

KEOHANE, Robert Owen, NYE, Joseph S. **Power and Interdependence**. Longman Classics, fourth edition, 1977.

LÊNIN, V. I. **O imperialismo, fase superior do capitalismo**. São Paulo: Centauro, 2002. LUKÁCS, G. Ontologia do ser social. Os princípios ontológicos fundamentais de Marx. Trad. Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1979.

MARX, Karl. **Trabalho assalariado e capital**. Edições Progresso Lisboa - Moscovo, 1982.

MEDEIROS, **Luiza Ferreira Rezende de; MACÊDO, Kátia Barbosa**. Catador de material reciclável: uma profissão para além da sobrevivência? *Psicol. Soc.* vol.18 no.2 Porto Alegre May/Aug. 2006.

MORAES, Reginaldo C; **Neoliberalismo – De onde vem para onde vai?** Editora Senac, São Paulo, 2001.

NYE, Joseph S. **Cooperação e conflito nas Relações Internacionais**. São Paulo: Editora Gente, 2009.

Nove anos depois, Argentina relembra pior crise de sua história. Carta Capital. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/internacional/nove-anos-depois-argentina-relembra-pior-crise-de-sua-historia>> Último acesso em: 16 de julho de 2016

NEVES, Magda de Almeida. **As novas configurações do trabalho: diversidade, precarização e dominação**. In: ZEBALLOS, Eliseo; SANTOS, José Vicente Tavares; FIGUEREDO, Dario (Org). **América Latina: hacia una nueva alternativa de desarrollo**. Arequipa, Peru: Unsa, 2004. p. 186-199

OIT, **Organização internacional do trabalho**. Disponível em: <http://www.ilo.org/brasil/lang-pt/index.htm>. Último acesso em: 14 de outubro de 2016.

PAIVA, Verônica. **Cooperativas de recuperadores de resíduos. Ciudad de Buenos Aires. 2001-2012. Un análisis desde la perspectiva de la sustentabilidad.** Foro Iberoamericano de estudios del desarrollo. Santiago de Chile, 2013. Disponível em: http://www.riedesarrollo.org/memorias/2013/mesas/mesa7/7.II.3%20Veronica%20Paiva_Cooperativas%20de%20recuperadores%20de%20residuos.pdf Último acesso em: 18 de outubro de 2016.

PINHO, D. B. **A doutrina cooperativa nos regimes capitalista e socialista.** 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1966.

PLANET SCHULE. **Cartonera.** 2002. Disponível em: https://www.planet-schule.de/fileadmin/dam_media/wdr/cartonera/pdf/AB8_Presentacion.pdf. Último acesso em: 16 de outubro de 2016.

QUINTANEIRO, T.; BARBOSA, M. L. O.; OLIVEIRA, M. G.. **Um toque de clássicos: Marx, Durkheim e Weber.** 2.ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002. 159 p.

RICOBOM, Gisele. **Aspectos da Teoria da Interdependência no Contexto das Relações Internacionais Contemporâneas.** In: OLIVEIRA, Odete Maria de; DAL RI, Arno Jr. (org.). **Relações Internacionais: Interdependência e Sociedade Global.** Rio Grande do Sul: Unijuí, 2003, p.254-255.

RIUS, Andrés Alberto Masi. **El impacto de la dimensión económica sobre los liderazgos presidenciales. El caso Raúl Alfonsín (1983-1989).** Revista HAO, número 31, 2013.

ROMERO, Luis Alberto; **História Contemporânea da Argentina.** Jorge Zahar Editora, Rio de Janeiro, 2006.

RODRIGUES, Noeli. **Teoria da Interdependência: os conceitos de sensibilidade e vulnerabilidade nas Organizações Internacionais.** Revista Conjuntura Global, UFPR, 2014.

SAGRADA, Bíblia. **A Mensagem: Bíblia em Linguagem Contemporânea.** São Paulo: Editora Vida, 2011.

SEOANE, María. **Argentina: El siglo del progreso y la oscuridad.** – 1ª ed. – Buenos Aires: Crítica, 2004.

SANTOS JÚNIOR, Raimundo Batista dos. **Processo Global: Relações Internacionais e a Interdependência Assimétrica.** In: OLIVEIRA, Odete Maria de (org.) Relações Internacionais & globalização: Grandes Desafios. Rio Grande do Sul: Ijuí, 1999, p. 67-94.

SCHAMBER, Pablo J. **Una aproximación histórica y estructural sobre el fenómeno cartonero en Buenos Aires.** Instituto nacional de capacitación política, ministerio del interior, Buenos Aires, 2007. Disponivel em:

http://www.mininterior.gov.ar/asuntos_politicos_y_aletorales/incap/clases/Paper_Schamber-1.pdf.

Último acceso em: 18 de outubro de 2016.

VILLANOVA, Nicolás. **Los cartoneros y la estatización de su condición como población sobrante para el capital por intermedio de las cooperativas.** Revista trabajo y sociedad, Buenos Aires, 2012. Disponivel em: <http://www.unse.edu.ar/trabajosociedad/23%20Villanova%20Nicolas%20Los%20cartoneros.pdf>. Último acceso: 10 de outubro de 2016.

Anexo 1: Folder educativo distribuido pela Cooperativa aos vizinhos de Palermo.

El Ceibo RSU
 Separación en origen con inclusión social.
 Contacto: 4775-5152 / 7821 - elceiborsu@arnet.com.ar - www.cor.to/elCeiboRSU

¿Quiénes Somos?

La cooperativa El Ceibo RSU está integrada por recuperadores urbanos y promotores ambientales.

Recorremos el barrio puerta a puerta retirando el material reciclable que separás en tu casa, empresa o comercio.

¿Qué Hacemos?

Recuperamos, clasificamos y vendemos los materiales reciclables para reutilizarlos y reinsertarlos nuevamente en la cadena de producción y consumo. Proponemos una lógica de trabajo basada en los principios de solidaridad y respeto.

¡La conservación de los recursos naturales es una tarea de todos y por eso, necesitamos que el trabajo de separación comience en tu hogar!

Más info en: www.cor.to/elCeiboRSU

Cumplimos con:

- La ley 992 (Registro de Recuperadores y cooperativas)
- La ley 1854 (Basura Cero) y sus resoluciones 808 y 50 (Grandes Generadores)

No recupera: lamparitas, tubos de luz, vidrios de parabrisas, vasos de vidrio, porcelana, pilas, envoltorios laminados en nylon (golosinas, galletitas, etc) servilletas, pañuelos descartables, papel higiénico ni vidrios rotos.

RECICLABLES

Siempre limpios, siempre secos.

Cartón y papel	Metal	Plástico	Vidrio
<ul style="list-style-type: none"> - Diarios - Revistas - Tetra brik - Papel blanco y de color - Cuadernos y libros 	<ul style="list-style-type: none"> - Latas - Aerosoles - Hierro - Plomo 	<ul style="list-style-type: none"> - Botellas y bidones - Envases de productos de limpieza - Cubiertos, bandejas y vasos descartables - Bidones - Sillas y macetas - Bolsas de nylon - Sachets - Film 	<ul style="list-style-type: none"> - Botellas - Frascos

Además recupera: telgopor y ropa en buen estado.

FSC
www.fsc.org
 MIXTO
 Papel procedente de fuentes responsables
 FSC® C104324

Anexo 2: Material de Educação Ambiental desenvolvido pela ong FARN em parceria com a Cooperativa El Ceibo.

